

INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ORALIDADE

Márcia Rejane Lima¹

Patrícia de Oliveira Valença²

Joana D`Arc Costa³

Cláudia Lais Costa Da Silva Campos⁴

Educação e Comunicação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo realizar pesquisa de campo sobre a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Buscou-se aprofundar os conhecimentos sobre a importância da literatura na aprendizagem e no emocional da criança, tendo em vista a sua alta empregabilidade no meio escolar. Utilizou-se como método o descritivo exploratório através do conhecimento direto da realidade, onde os professores sujeitos da pesquisa forneceram as informações através de entrevistas semi-estruturadas. A partir daí, foi discutido com os autores que escrevem sobre a temática. Concluiu-se com a prática da pesquisa e segundo alguns autores citados ao longo do trabalho, que os professores consideram que a literatura infantil contribui na facilitação da aprendizagem escolar além de ser uma forma de trabalhar com crianças a realidade através do simbolismo, onde a criança se identifica com as histórias por sentir a própria personificação de seus problemas infantis nos personagens das histórias. A criança inconscientemente supera seus medos expressando seus conflitos emocionais mais facilmente.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Infantil. Desenvolvimento. Aprendizagem. Emocional. Escola.

ABSTRACT

This study aimed to conduct field research on the contribution of children's literature in the social, emotional and cognitive development of the child. It sought to deepen the knowledge about the importance of literature on learning and child emotional, given its high employment in schools. It was used as the descriptive exploratory method with direct knowledge of reality, where the subject teachers of the research provided the information through semi structured interviews. From there, it was discussed with the writers on the topic. Concluded with the practice of research and according to some authors cited throughout the work that teachers consider that children's literature contributes to the facilitation of school learning as well as being a way of working with children the reality through symbolism, where the child identify with the stories to feel the very embodiment of their children's problems in the characters of the stories. The child unconsciously overcome their fears expressing his emotional conflicts more easily.

KEYWORDS

Children Literature. Development. Learning. Emotional. School.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo, verificar a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Ressalta-se a diferenciação entre utilizar a criança como instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e como aparato para alfabetização, pois este último é o modo mais habitual trabalhado na escola.

Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja por meio da leitura, da escrita ou da linguagem oral.

Diante disso, a escola busca conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita. A questão é como a literatura infantil pode influenciar de maneira positiva nesse processo.

Dentro desse contexto, questiona-se: a literatura infantil desperta na criança o gosto em praticar o hábito de leitura? De que forma a literatura infantil cria nas crianças a capacidade de imaginação frente aos fatos narrados? Para fundamentar as respostas aos questionamentos revisitamos os principais teóricos, a saber: Abramovich, Veríssimo, Arroyo, Zilberman e Lajolo.

Nesse sentido, o presente artigo conta com um respaldo teórico que objetiva identificar qual a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança; observar a prática da execução atenta das histórias contadas; buscar alternativas para a construção do hábito de ouvir e sentir prazer nas situações que envolvam a leitura;

Justifica-se essa pesquisa porque a literatura infantil exerce um importante papel na aprendizagem, pois revela ao leitor infantil a realidade, lhe permitindo decodificar o mundo por meio de suas emoções e sentimentos. Atualmente as crianças não têm mais o mesmo interesse pela literatura infantil como antes, as mesmas estão interessadas nas novas tecnologias, por isso que os livros estão ficando de lado. Espera-se mostrar que é a partir da literatura infantil que se desenvolve a imaginação, criatividade, sensibilidade e escrita.

Foram utilizados os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica por meio de leituras em livros, artigos e consulta em sites relacionados à literatura infantil no desenvolvimento da leitura e da oralidade. No segundo momento foi realizada entrevista com alunos e professores, bem como observação do desenvolvimento da leitura e oralidade dos alunos.

Recorreu-se a entrevista por entender que a pesquisa bibliográfica é realizada com o objetivo de explicar um problema por meio de referenciais escritos. Esta pesquisa visa destacar toda a importância que a literatura infantil possui. Bem como elucidar seu valor fundamental para a obtenção de conhecimentos, informação e interação necessárias ao ato de ler.

2 REVISANDO A LITERATURA

2.1 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E EMOCIONAL DA CRIANÇA

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se, sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e início deste, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana, necessária do ponto de vista de um modelo republicano, para instrução do povo.

Com a produção do escritor Monteiro Lobato – e especialmente com a publicação, em 1921, de *Narizinho arrebitado*, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, Lobato mostrou a importância de incentivar a formação de leitores críticos, iniciando um processo de construção de uma real literatura infantil, misturando assim o mundo fantástico de imaginação com o real.

Emprega-se a expressão Literatura Infantil ao conjunto de publicações que em seu conteúdo tenham formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinados ao público infantil. No entanto, especialistas que debruçam nesta área consideram esta conceituação um tanto restrita, haja vista que muito antes da existência de livros e revistas infantis, a Literatura Infantil atuava na tradição oral, transmitindo a expressão da cultura de um povo de geração em geração (ARROYO, 1990).

A literatura infantil tem por tarefa, na sociedade em transformação, servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio do leitor com o livro, seja no diálogo ou nas atividades literárias pela escola.

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de conhecimento do mundo e do ser. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1985, p. 25).

Nesse sentido, a literatura na sua práxis, naturalmente, leva o leitor a construir e reconstruir seus conceitos sobre o mundo em sua volta. Desta forma participando em sua totalidade da formação intrínseca e cultural na qual está inserida.

A partir de Bettelheim (1980), se deslancha a visão de que todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, do medo e do desamparo, da rejeição e da morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para crianças. A solução, geralmente encontrada na história, quase sempre leva a um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas com as quais convive. Segundo o autor, a investigação e a aprendizagem dos aspectos cognitivos, assim como a simbolização do mundo interior de pensamentos e afetos, pois, por meio da imaginação, a criança pode dar vazão a seus desejos, conflitos e vivências mais íntimas.

A criança aprende brincando e os conteúdos podem ser trabalhados por meio de histórias, brincadeiras e jogos, em atividades lúdicas, pois além de estimular a autoconfiança e a autonomia, proporciona situações de desenvolvimento da linguagem do pensamento e está criando espaços para a construção de seu conhecimento. Podemos constatar que:

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por de traz de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo poético, ao lado da natureza. (HUIZINGA, 1988, p. 7).

Monteiro Lobato, em sua obra *D. Quixote das crianças*, adaptação do clássico Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, retrata nos diálogos entre seus personagens Dona Benta e Emília, a necessidade em tornar a linguagem familiarizada pela criança:

E Dona Benta começou a ler – *“Num lugar da Mancha, de cujo nome não que lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos de lança em cabido, adarga e galgo corredor.”* – Ché! – exclamou Emília. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor... Não entendo essas viscondadas, não... [...] – Meus filhos – disse Dona Benta – esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não tem a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas. [...] E Dona Benta começou, do modo dela; - Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha) vivia um fidalgo aí duns cinquenta anos, do que têm lança atrás da porta, adarga antiga, isto é, escudo de ouro, e cachorro magro no quintal – cachorro de caça. (LOBATO, 2004, p. 10).

Nesta perspectiva, despertar o encantamento pelos livros é a primeira coisa a fazer quando se trata de formar bons leitores. E isso vale para a rotina dos pequenos desde a educação infantil. Quando a criança ainda não é alfabetizada, cabe ao educador ler para ela. Ler novas e velhas histórias, poemas, contos e crônicas, como as de Monteiro Lobato, José Saramago, José Veríssimo. Esse contato pode ser iniciado cedo, mas de acordo com Rossini (2008) nos faz ver que é importante respeitar a faixa etária do leitor e propor temas adequados a idade e aos seus interesses; como o tipo de linguagem e as ilustrações.

Para tanto, o professor ou adulto que se destina a contar uma história precisa saber dar as pausas no tempo exato, respeitando o imaginário de cada criança na construção do seu cenário interior. Outros fatores importantes para a fantasia da criança são os espaços abertos no texto, que provocam no ouvinte os episódios e tomada de uma posição, por isso:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referências, postura colocada, inquietude provocada, emoções deflagradas, suspense a ser

resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...]. (ABRAMOVICH, 1993, p. 24).

Neste sentido, para a criança da Educação Infantil o tempo de duração das histórias tem grande importância. Elas devem ser curtas para prender a atenção. Poemas textos que contenham rimas e repetições, também, figuram entre as melhores escolhas. Gradativamente pode introduzir narrativas mais extensas e complexas, o que permitirá, aos poucos, o maior envolvimento dos pequenos com enredos e personagens. Isso significa ler de tudo: contos de fadas, fábulas, poemas, bilhetinhos.

Com um conto divertido, um poema delicado e uma crônica saborosa concentram, na sua simplicidade, princípios fundamentais para uma eficiente formação de leitores. Esse trabalho consiste em escolher textos literários de boa qualidade – que estimulem a subjetividade dos alunos – e criar, em meio à rotina das atividades escolares, rodas de leitura que procurem fugir de uma abordagem utilitária da literatura.

Não podemos esquecer que os livros dirigidos às crianças são escritos por adultos. Adulto esse, que possui a intenção de transmitir por meio de seus textos, ensinamentos que julga, conforme sua visão adulta, interessante para a criança.

De modo que, em suma o “livro infantil”, se bem dirigido à criança, é de invenção e intenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores. E transmite-os na linguagem e no estilo que adulto igualmente crê adequados à compreensão e ao gosto do seu público. (MEIRELES, 1984, p. 29).

Quando o adulto ler ou escreve para uma criança naturalmente ele precisa preocupar-se para, por meio do livro infantil, incentivar o gosto pela leitura por meio das histórias contadas, e ao mesmo tempo como uma via de mão dupla adquirir uma formação em seu desenvolvimento integral.

Pensando em apontar um gancho, no surgimento de bons leitores, entende-se que hoje, no âmbito da teoria e da discussão das práticas de leitura, há um consenso sobre a formação de leitores: o de que a leitura propicia uma experiência ímpar, rica e fundamental para o desenvolvimento intelectual, emocional e linguístico das crianças. A leitura de textos de boa qualidade estética, independentemente de quaisquer atividades escolares que se pretenda a ela associarem, deve ser valorizada em si. Cria-se assim, condições para a profunda identificação do leitor com a obra, o que atende a uma necessidade universal de ficção e fantasia, permitindo as mais variadas projeções com personagens, situações ou atmosferas.

2.2 OBSERVANDO A ATENÇÃO DAS CRIANÇAS NAS HISTÓRIAS CONTADAS

As crianças do Colégio Rezende Ltda. – localizado a Rua Princesa Isabel, 34 Centro, no Município de Nossa Senhora da Glória, no Estado de Sergipe, se mostram interessadas na contação de histórias. Foi com a finalidade de comprovar o que acontece para que este interesse seja despertado, consolidando os conhecimentos teóricos, delineados no apanhado histórico da literatura infantil neste artigo.

O estudo busca investigar a existência de uma proposta para o letramento por meio da literatura na educação infantil, para isso, busca a compreensão da concepção dos professores e o desenvolvimento da prática da literatura infantil em sala de aula.

Evidenciam-se no momento inicial da pesquisa, alguns elementos que devem ser considerados dentro da perspectiva de um primeiro olhar. A coleta de dados, durante esse período, se restringiu ao registro de observações em sala de aula, entrevista com os alunos e professores.

Podemos perceber, logo nos primeiros acompanhamentos dos professores nas aulas de literatura infantil, a grande facilidade dos mesmos, na escolha adequada do material literário para o desenvolvimento da formação do leitor infantil. Isto se denuncia em função dos olhares brilhantes das crianças, bem como, por meio do comportamento quando ouviam a narração, fazendo com que elas adentrassem no mundo imaginário. Assim, desenvolvendo naturalmente a aquisição de conhecimentos e expressando diferentes emoções, desta forma, atingindo o mundo imaginário que se abre ao cognitivo de cada uma.

A partir destas reflexões, podemos analisar o material utilizado pela professora, durante o período de observação. Foram utilizadas as leituras intituladas de *Chapeuzinho vermelho e o Lobo mau* e *Os três porquinhos*. O que nos chamou bastante atenção durante a contação de história foi o uso de explicações imaginárias, especialmente nos momentos de pausas e questionamentos sobre o que iria acontecer, sobretudo por atrelar os novos acontecidos na história com seu próprio entorno ou com situações que envolviam o seu próprio universo.

Em uma das narrações uma criança relatou determinada situação que entrelaçavam entre a estória contada e o seu mundo concreto, ela descreveu assim: “tia lá na minha rua tem um cachorro que parece o lobo mau, toda vez que passa alguém, ele fica louco para devorar a pessoa, ainda bem que o dono mantém ele preso”. Isso se configura a transposição que a criança faz do mundo imaginário dos contos, para a associação do seu contexto real.

Nesta perspectiva, outro fato marcante no momento de reconstrução da história pelas crianças aconteceu a transfiguração. O lobo mau foi substituído por um

“Cupim-mau” porque ele devasta a casa muito mais do que o lobo ou ainda, durante a roda de conversa uma das meninas diz que “a capinha vermelha do chapeuzinho tinha poderes mágicos e transformaram o lobo mau em borboleta e ela saiu voando e beijando flores”. Observa-se nesse ponto, o grande turbilhão que as crianças produzem entre o lúdico, o imaginário e o real com aspectos do seu meio social.

A professora desempenha papel preponderante quando percebe que a leitura não ocupa somente uma atividade pedagógica, ela vai além, tornando um momento de compromisso com o conhecimento e que todos são possuidores de um saber. Assim, a professora, gradativamente, envolve as crianças e exige sem o abandono do prazer. A professora trabalha com livros de contos ou fabulas e escolhe o texto que vai ser lido no momento da leitura. Depois de escolhido o texto, a professora lê para os alunos e em seguida pede para que estes comentem a história a partir do seu próprio entendimento, tornado assim um momento prazeroso.

Nesta trajetória percebe-se a preocupação com a Literatura Infantil, quando na escolha dos livros para serem trabalhados durante os bimestres é feita no início do ano, por meio dos catálogos das editoras enviados para escola no período de planejamento. O diferencial do trabalho da professora se faz na sua preocupação em agregar outros livros ou contos, levar para sala de aula e lê para os alunos. É frequente a visita dos alunos na biblioteca, fazendo com que o momento da leitura seja prazeroso e sem cobranças.

Os elementos da pesquisa são ainda rudimentares. Entretanto, pode-se constatar, por meio das observações, uma prática muito dedicada da professora na formação das crianças para a leitura, objetivando o despertar da oralidade.

Visto que a professora considera muito importante a Literatura infantil na formação do desenvolvimento das crianças em todos os aspectos: social, emocional e cognitivo. Tornando sua prática qualitativa e consonante com os elementos teóricos que nos levaram a refletir sobre sua prática na sala de aula. Justificando, assim, quanto é importante está atualizada e usando referenciais teóricos para oferecer nesse sentido, uma boa aprendizagem por meio da Literatura Infantil. Visto que fica elucidado o estímulo e a aproximação do contexto vivenciado pelo aluno tornando-o mais solidário e humano.

2.3 BUSCANDO ALTERNATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DE LER

Segundo a concepção sócio-interacionista de Vygotsky 1987, a criança deve ser entendida como ser social e histórico que apresenta diferenças de procedência socioeconômica, cultural, familiar, racial, de gênero, de faixa etária e que necessitam ser conhecidas respeitadas e valorizadas tendo como finalidade o desenvolvimento integral nos aspectos físico psicológico, intelectual e social, contemplando a ação da família e da comunidade.

Sendo a criança um ser social, refletido do seu contexto, torna-se evidente que quando ela consegue lê um bom texto literário, passa por um processo particular que impulsiona a imaginação e traz à tona suas experiências acumuladas, permitindo que vivencie situações que o dia a dia raramente permitiria. Outro trunfo da prática é a possibilidade de superar o fragmentarismo da vida cotidiana, mergulhando num processo intenso de construção de sentidos e de relações. Tal processo é impregnado de unidade e coesão, aspectos que estão na base de uma obra literária.

Para desvendar a construção de sentidos, custa o entendimento e o exercício dos laços sociais, na edificação das relações interpessoais e pessoais. Ao contrário, significa, talvez, atacar a cerne dos problemas de hoje enfrentados pela instituição escolar. O célebre psicólogo austríaco Bettelheim (1903-1990) alertava para a necessidade da “luta pelo significado” e para o papel que a literatura pode desempenhar nessa empreitada quando afirma:

A tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. (BETTELHEIM, 2002, p. 3).

Nesta direção é dado um peso significativo ao texto literário no trabalho com a leitura na escola, numa perspectiva que não seja meramente tarefa e obrigatória, mas favorecer para que a criança se torne um jovem de comportamento leitor ativo e para ele, por sua vez, se transforme num adulto leitor perene, aquele que não abandona a leitura tão logo se veja fora dos muros da escola. Ao contrário procura encontrar na literatura, múltiplos sentidos para a vida. Para desencadear esse processo, é necessário que o professor seja ou deseje ser, ele mesmo, um leitor voraz e apaixonado, capaz de identificar bons livros, torná-los acessíveis e transformá-los em objeto do desejo. A professora da escola aqui citada se constituiu uma pequena mostra deste protótipo de professor.

Hoje a extensão de literatura infantil é muito mais vasta à medida que os estudos vão se consolidando e ganhando importância. Ela fornece a criança o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras

regras, outra ética... é ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Na observação da aula, a professora começou perguntando para as crianças qual eram a data e o dia da semana, em seguida começou a fazer perguntas sobre o conto que tinha trabalhado na aula passada, e as crianças começaram a relatar as histórias, cada um com sua visão sobre o que tinha ouvido por intermédio da professora, ao mesmo tempo em que ela explorava com perguntas relacionada à historinha e por meio do conto ela conseguiu fazer com que os seus alunos viajassem para vários lugares por meio da história, adquirindo um repertório que só as histórias proporcionam.

Para Sosa (1978) não é a moral da história que fica registrada como experiências de conhecimento, mas o que fica registrada na alma da criança é o acontecimento dramático da fábula, as espertezas e astúcia embutidas nas ações das personagens. É o drama apresentado na fábula que dialogará com seu mundo íntimo e colaborará no conhecimento que necessitará para seu desenvolvimento. Portanto, a educação moral não é aplicada na vida da criança por meio de suas leituras, mas sim, por meio de suas próprias experiências com a vida e ações.

Entretanto para Arroyo (1990, p. 25) “a natureza da literatura infantil, o seu peso específico, é sempre o mesmo e invariável. Muda as formas, o revestimento, o veículo de comunicação que é a linguagem”. O encantamento que a literatura infantil proporciona ao leitor permaneceu sempre e em todos os lugares. No entanto, os problemas, ainda, não superados pela Literatura Infantil encontram-se nas práticas pedagógicas que ainda insistem apresentar a Literatura Infantil com exercícios intelectuais ou pedagógicos, ensino da moral e bons costumes. Desviando, assim o poder da imaginação que a Literatura Infantil proporciona e que seria o ideal na formação do leitor.

Pode-se deduzir então que o livro infantil só será considerado literatura infantil legítima mediante a aprovação natural da criança. Para isso o livro precisa atender as necessidades da criança, que seriam: povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir e por último, sem imposições, educar e instruir. Como afirma Oliveira:

Os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura, a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem a capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê, isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca. (OLIVEIRA, 2005, p. 125).

Durante os encontros, observamos quão é importante a contribuição do professor em dar asas para a imaginação das crianças, não privando ela de criar suas próprias concepções sobre a história, sabendo que a criança não é uma página em branco. Sendo assim, a professora na sua práxis, possibilitava aos seus alunos encontrar seus próprios significados. Sempre que achava necessário ela fazia uma intervenção, para nortear os caminhos que as crianças entenderam sobre o conto.

Sendo assim, encontramos a função social da literatura como um facilitador para o homem compreender e, assim, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo.

Nesse sentido, pode-se dizer que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo. Dessa maneira, as histórias contemporâneas, ao apresentarem as dúvidas da criança em relação ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, proveniente da leitura.

Por outro lado, os contos clássicos não impedem o raciocínio lógico, porque não embotam a inteligência da criança. Envolvem isto sim, o aguçar de sua sensibilidade artística e o equilibrar o sonho com o real. É um jogo estimulante – a criança sabe que o que está lendo não é verdade, mas finge acreditar – é a magia do imaginário, tão necessária ao desenvolvimento infantil.

Em uma das oportunidades de estar na sala de aula com a professora e a turma, observando as reações dos diálogos entre a professora e as crianças durante a apresentação do conto, vimos como é fascinante tanto para a professora como também para o aluno envolver-se no mundo imaginário, de forma que os alunos participavam deste jogo, a professora ia contando a história e encenando por meio da entonação da voz, com pausas durante os momentos de suspense e as crianças se envolviam de tal forma como se elas estivessem vivenciando a estória.

De acordo com Silva (1986, p. 21), a leitura do texto literário “pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens”. Em consequência, pode-se dizer que tanto a leitura do texto maravilhoso quanto a leitura do texto realista cumprem o papel social de transformar a infância, na medida em que fazem a criança pensar criticamente.

Conclui-se que a literatura infantil desemboca o exercício de compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos. Para chegar à situação de um constante desenvolvimento de uma cultura da leitura, é necessária uma cons-

cientização da sua importância para a vida e para formação de um povo, porque não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores, como nos diz Monteiro Lobato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o tratamento com a literatura infantil, é instrumento fundamental para o desenvolvimento da criança, independente da forma que ela é apresentada, seja ela na escola ou no seu ambiente de relações em que está inserida.

A leitura é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também “leem” o texto ouvindo. Os primeiros contatos das crianças com a literatura ocorrem desse modo. Os adultos leem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler.

A diferença entre ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura baseada num texto escrito tem características próprias diferentes da fala espontânea.

Algumas crianças têm contato com textos que lhe são lidas, veem livros, revistas e jornais no seu dia a dia.

Porém, outras não têm livros, nem jornais em casa e começam a se familiarizar com livros somente quando entram na escola, por isso é tão importante trabalhar com a literatura desde a educação infantil.

A leitura é uma ação fundamental, geradora de independência emocional e cultural. Representa acesso e ascensão a posições na sociedade. Porque quem não sabe ler e escrever, mal sobrevive e capengamente fica à margem ou a mercê da sociedade.

Dessa forma, a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência é primordial na formação do indivíduo e do cidadão. A formação de leitores se configura como imperativo da sociedade atual. Pessoas afeitas à leitura, aptas a penetrar os horizontes veiculados em textos mais críticos, são pessoas capazes de melhor desempenho em suas atividades e apresentam melhor aptidão para o enfrentamento dos problemas sociais.

O domínio da capacidade de leitura gera maior mobilidade dos grupos humanos, aumento qualitativo da capacidade crítica e crescimento de seu potencial reivindicatório. A leitura, portanto, dá voz ao cidadão, no sentido de que sua interpretação pode gerar a transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Spicione, 1997.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BETTELLHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BETTELLHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MORAIS, Regis de. **Sala de aula, que espaço é esse?** São Paulo: Papyrus, 1991.
- LOBATO, Monteiro. **D. Quixote das crianças**. 27.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de; SPINDOLA, Arilma Maria de Almeida. **Linguagens na Educação Infantil III**: Literatura Infantil. Cuiabá: Edufmt, 1990.
- ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, 1978.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

Data do recebimento: 27 de julho de 2015

Data da avaliação: 27 de julho de 2015

Data de aceite: 15 de janeiro de 2016

1. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes – UNIT/Sergipe. E-mail: Jdcosta2102@gmail.com
2. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes – UNIT /Sergipe. E-mail: Jdcosta2102@gmail.com
3. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Especialista em Alfabetização – PUC/Minas (1989); Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (1982); Estatutária e pesquisadora da Sec. Municipal de Educação; Estatutária da rede Estadual de ensino; Professora da Universidade Tiradentes – UNIT /Sergipe. E-mail: Jdcosta2102@gmail.com
4. Mestra em Educação e Comunicação pelo Programa de Stricto Sensu da Universidade Tiradentes (PPED); Especialista em Teorias do Texto e práticas pedagógicas (UFS), com ênfase nas áreas de Linguística textual e Práticas Pedagógicas, Gêneros Textuais; Graduada em Letras/Português (UNIT); Professora na Universidade Tiradentes (UNIT); Orientadora de TCC (No curso de pedagogia EAD); Professora da Pós-graduação Lato Sensu-Unit com a disciplina “A Construção da Leitura e da Escrita” no Curso de Psicopedagogia. E-mail: cacau_lais@hotmail.com